

Clesia Carneiro Da Silva Freire Queiroz



CONDENADO a MIM MESMO

A Jornada de um Homem Além das Grades

Autora
Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

CONDENADO A MIM MESMO
A JORNADA DE UM HOMEM ALÉM DAS GRADES



Copyright © Editora Humanize
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

Autor

Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

Editora Responsável

Editora Humanize

Revisão Editorial, Normalização e Catalogação

Equipe Técnica da Editora Humanize

Projeto Gráfico e Diagramação

Equipe de Design Editorial da Editora Humanize

Publicação

Editora Humanize

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Editora Humanize, BA, Salvador)**

Q3c
CG32688 QUEIROZ, Clesia Carneiro Da Silva Freire.

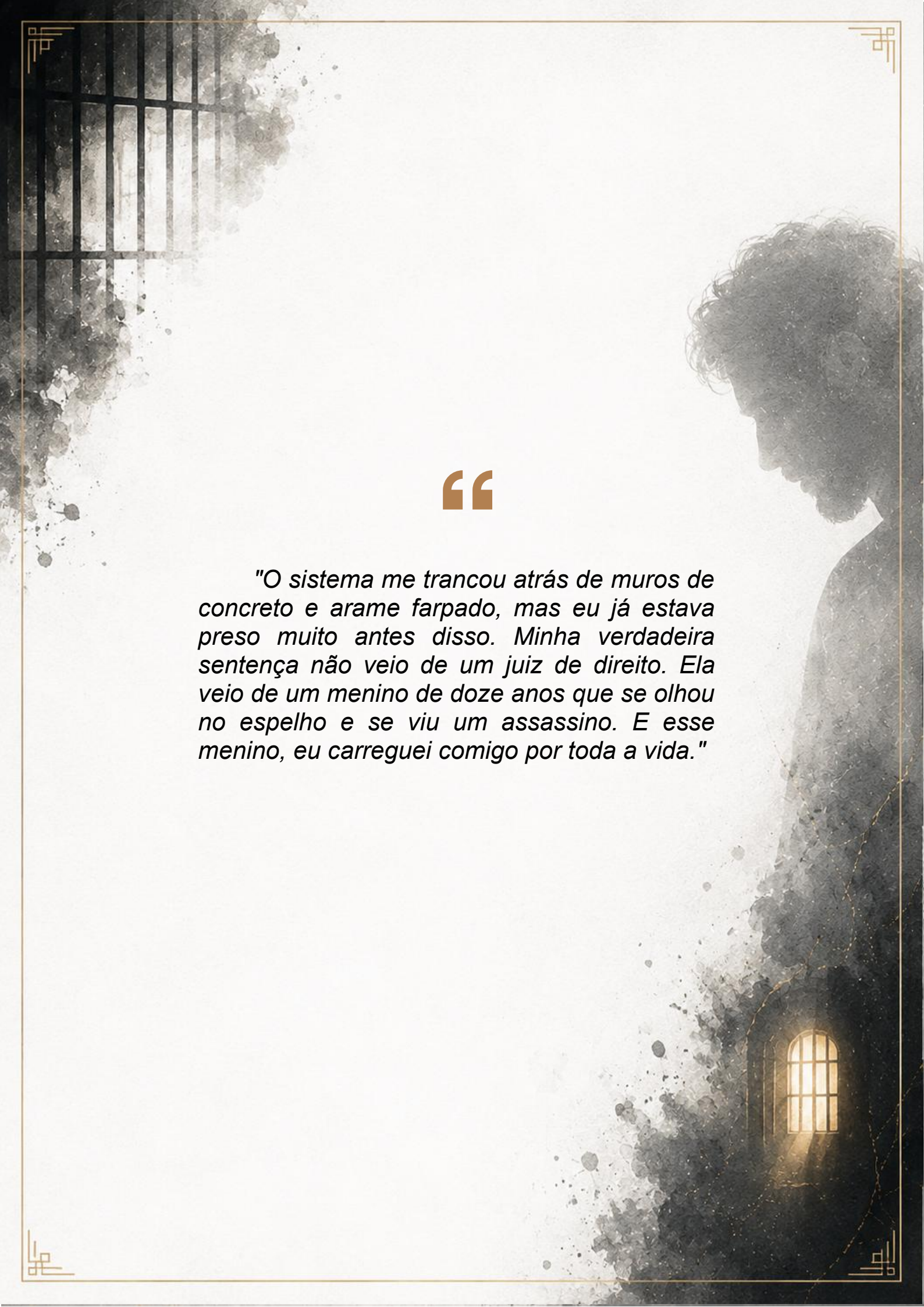
Condenado a Mim Mesmo: a jornada de um homem além das grades - 1ªed. Bahia / BA:
Editora Humanize, 2026.
1 livro digital; ed. I; il.

ISBN: 978-65-525-5221-1

CDD 869.93
CDU 821.134.3(81)-31

1. Ficção brasileira. 2. Sistema prisional. 3. Culpa. 4. Autoperdão. 5. Redenção.
I. Título

1. Ficção brasileira - CDD 869.93
2. Literatura brasileira em língua portuguesa - CDU 821.134.3(81)-31



“

"O sistema me trancou atrás de muros de concreto e arame farpado, mas eu já estava preso muito antes disso. Minha verdadeira sentença não veio de um juiz de direito. Ela veio de um menino de doze anos que se olhou no espelho e se viu um assassino. E esse menino, eu carreguei comigo por toda a vida."

DEDICATÓRIA

Para todos que um dia se olharam no espelho e viram apenas culpa.

Para os que carregam correntes invisíveis e acham que nunca serão livres.

Para os que perderam o caminho, mas ainda têm coragem de procurar.

E para minha mãe, que me ensinou que a vida é igual a uma estrada — cheia de curvas, buracos e subidas, mas que sempre continua, se a gente não parar de andar.

A autora

NOTA DA AUTORA

Caros leitores,

Zé da Lua não existiu. Mas poderia ter existido.

Em cada cela de cada presídio, em cada rua onde crianças são abandonadas, em cada coração onde a culpa se instalou como um hóspede que nunca vai embora — Zé da Lua está ali.

Conheci Zé da Lua muitas vezes, em muitos lugares. Conheci num homem que passou trinta anos preso e saiu sem saber o que fazer com as mãos. Conheci num jovem que se perdeu no crime e passou anos se destruindo por dentro, achando que era o que merecia. Conheci em mim mesma, nas noites em que a culpa sussurrava mais alto que a esperança.

Escrevi este livro como quem escreve uma carta para um amigo que está sofrendo. Não para dar respostas prontas, mas para dizer: *você não está sozinho*.

A ficção tem esse poder. Ela nos permite habitar outras vidas, sentir outras dores, e descobrir, no final, que somos mais parecidos do que imaginamos.

Todos temos uma fresta de luz na escuridão. Todos temos um fardo que carregamos. Todos, em algum momento, já fomos condenados por nós mesmos.

Mas também todos podemos aprender a plantar — não só na terra, mas na alma.

Zé da Lua é ficção. Mas a jornada dele é a jornada de todos nós.

Que ele encontre em você um leitor que entende. E que você encontre nele um espelho que mostra não apenas a escuridão, mas também a luz.

Com carinho e esperança,

A autora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O Peso das Correntes Invisíveis 9

PARTE I: A TERRA, O FOGO E A FÚRIA 12

CAPÍTULO 1: O Cheiro do Café Passado no Pano 12

CAPÍTULO 2: O Céu Virou Cinzas 21

CAPÍTULO 3: A Violência como Anestesia 26

PARTE II: O INFERNO DE CIMENTO 33

CAPÍTULO 4: Entrada na Penumbra 33

CAPÍTULO 5: O Nascimento de Zé da Lua 37

CAPÍTULO 6: O Veredito Interno 41

PARTE III: A FRESTA NA ROCHA 45

CAPÍTULO 7: A Folha Amarelada 45

CAPÍTULO 8: A Noite do Choro Represado 49

CAPÍTULO 9: O Absolvimento da Alma 53

PARTE IV: O SOL DO LADO DE FORA 56

CAPÍTULO 10: O Retorno ao Mundo dos Vivos 56

CAPÍTULO 11: Mãos que Reconstroem 59

EPÍLOGO: A Escuridão Apenas Mostra a Luz 63

INTRODUÇÃO

O Peso das Correntes Invisíveis



O dia em que entrei naquele presídio, o céu estava cinzento como chumbo derretido. Lembro das gotas grossas de chuva batendo no para-brisa do camburão, distorcendo o mundo lá fora como uma lágrima distorce o rosto de quem chora. Minhas mãos estavam algemadas, mas não era o metal frio que me apertava os pulsos que me doía. Era outra coisa. Era aquela voz dentro de mim que não parava de sussurrar: "Você merece isso. Você merece cada segundo de inferno que vai viver daqui para frente."

O sistema prisional, com seus muros de concreto armado e arame farpado que corta o céu em pedaços, tem a capacidade brutal de trancar o corpo. As celas superlotadas, o cheiro de mofo e desespero que se gruda na roupa, na pele, nos pulmões, as vozes dos outros presos que ecoam pelos corredores como almas penadas em busca de redenção — tudo isso prende a gente num lugar físico do qual parece impossível escapar.

Mas eu descobri, nos anos seguintes, que existe uma prisão muito pior. Uma que não tem muros nem portões de ferro. Uma que você carrega para onde quer que vá, que te acompanha até no sonho, que sussurra no seu ouvido nos momentos mais silenciosos da madrugada. A prisão da culpa. A condenação perpétua que a gente decreta para si mesmo muito antes de qualquer juiz bater o martelo.

Os homens do direito me condenaram a vinte e cinco anos. Mas eu, naquela tarde chuvosa em que ouvi o portão se fechar atrás de mim, me condenei à vida inteira.

A sentença dos homens é limitada. Ela tem prazo, tem recurso, tem possibilidade de redução. Mas a sentença que a gente impõe a si mesmo não conhece essas molezas. Ela é eterna, implacável, surda a qualquer pedido de clemência. E o pior: ela não vem de fora. Ela brota dentro da gente, alimentada por cada memória dolorosa, cada arrependimento, cada noite em claro remoendo o que poderia ter sido feito de diferente.

Durante anos, achei que essa era a única verdade que eu merecia. Que o sofrimento na cela, a solidão voluntária, a recusa a qualquer forma de conforto ou esperança — tudo isso era meu destino. Meu castigo. Minha expiação.

Agora, neste relato, não vou pedir que vocês tenham pena de mim. Não vou justificar meus erros ou minimizar as consequências do que fiz. Cada escolha que tomei foi minha, cada passo que me levou para

o fundo do poço foi dado com minhas próprias pernas. O que vou fazer é mais simples e, ao mesmo tempo, mais difícil: vou contar a verdade.

A verdade de como um menino de doze anos, que cheirava café passado no pano e ouvia modas de viola no colo do avô, se transformou em um homem que carregava o peso de três mortes nas costas. A verdade de como o fogo que matou meus avós também queimou uma parte de mim que nunca mais voltou. A verdade de como o tiro que matou o balconista naquela farmácia não só tirou uma vida, mas condenou a minha a uma escuridão que parecia não ter fim.

E, acima de tudo, a verdade de como encontrei, no lugar mais improvável — dentro de uma cela de prisão, entre muros de concreto e grades de ferro —, uma fresta de luz. Uma fresta pequena, quase invisível, mas suficiente para me lembrar que a escuridão só tem poder sobre a gente enquanto a gente se recusa a enxergar a luz.

Demorei décadas para entender isso. Para entender que o perdão próprio não é um luxo que a gente concede a si mesmo depois de sofrer o suficiente. É uma necessidade. É a única coisa que pode, de fato, abrir as grades que a gente construiu dentro da própria cabeça.

Esta é a minha história. A história de um homem que foi condenado por um juiz, condenado pela sociedade, condenado por suas próprias escolhas. Mas que, no fundo, sempre esteve condenado a si mesmo.

E a história de como, finalmente, elegeu se absolver.

PARTE I

A TERRA, O FOGO E A FÚRIA



CAPÍTULO 1

O Cheiro do Café Passado no Pano

Existem memórias que a gente guarda não na cabeça, mas no corpo. Memórias que não vêm em palavras ou imagens nítidas, mas em sensações que se repetem décadas depois, pegando a gente desprevenido. O cheiro de terra molhada depois da chuva. O som de galos cantando antes do sol nascer. O gosto de café coado em pano de algodão, amargo e doce ao mesmo tempo, queimando a língua de tão quente.

Essa é a minha memória mais antiga. A que me define, a que me assombra, a que me salvou.

Eu acordava todos os dias com o barulho da chaleira no fogão de lenha. Minha avó, dona Rosa, já estava de pé desde as quatro da manhã. Dizia que o dia rende mais para quem acorda antes da luz, e

eu aprendi com ela que isso é verdade. Ela tinha uma calma que eu nunca entendi como conseguia manter. As mãos dela, calejadas de tanto trabalhar, se moviam com uma precisão e uma delicadeza que pareciam de bailarina. Ela passava o pano no café, deixando o líquido escorrer gota a gota, e o cheiro se espalhava pela casa toda, entrando em cada fresta, acordando os sentidos antes mesmo dos olhos.

— Menino, levanta que o café vai esfriar — ela chamava, com a voz rouca de quem já cantou muitas modas na vida.

Eu pulava da cama, uma cama de varas que meu avô tinha feito com as próprias mãos, com colchão de palha que fazia cócegas nas costas. A casa era pequena, dois cômodos e uma cozinha, com chão de terra batida que minha avó varria três vezes por dia. Não tinha reboco nas paredes, mas elas eram forradas de jornais velhos que meu avô trocava todo mês. Ele dizia que assim a gente ficava sabendo do mundo sem precisar sair de casa.

Meu avô, seu Bento, já estava no terreiro quando eu chegava à cozinha. Ele sentava no banco de madeira perto do fogão, as pernas abertas, a xícara de café na mão, olhando para o horizonte. Não era um olhar vago, de quem está sonhando acordado. Era um olhar atento, de quem lê a terra como outros leem livros.

— Bom dia, menino — ele dizia, sem tirar os olhos do horizonte.
— O sol vem nascendo vermelho. Hoje vai ter chuva.

Ele estava sempre certo. Seu Bento tinha uma sabedoria que não vinha de escola, mas de anos e anos vivendo na roça, aprendendo com

os ciclos da natureza. Ele sabia quando plantar, quando colher, quando guardar as sementes para o ano seguinte. Sabia o nome de cada pássaro pelo canto, o tipo de nuvem que trazia tempestade, o momento exato em que a mandioca estava pronta para ser arrancada da terra.

Eu sentava ao lado dele, com minha xícara pequena de café com leite, e observava. Observava tudo. As mãos dele segurando a enxada, os pés descalços na terra batida, o jeito que ele assobiava modas antigas enquanto trabalhava.

— Seu Bento, me ensina a assobiar assim? — eu pedia.

— Isso não se ensina, menino. Isso se sente. O assobio é a alma falando baixinho. Se a alma estiver contente, o assobio sai bonito. Se a alma estiver triste, sai triste também.

Eu não entendia direito, mas guardava cada palavra como quem guarda um tesouro. Porque aquelas palavras, eu aprenderia depois, eram as únicas heranças que ele podia me deixar.

A roça era pequena, não mais que alguns alqueires, mas para mim era o mundo inteiro. Tinha uma mangueira no fundo do quintal que dava as mangas mais doces da redondeza — meu avô dizia que era porque ele falava com ela todos os dias. Tinha um pé de jaca que ele ameaçava derrubar todo ano, porque as jacas eram grandes demais e caíam com estrondo, mas nunca derrubava, porque minha avó amava fazer doce de jaca. Tinha uma criação de galinhas caipiras que minha avó tratava como se fossem filhas, dando nome a cada uma e falando com elas como se entendessem tudo.

A criação de galinhas era uma das minhas tarefas favoritas. Eu acordava cedo para abrir o galinheiro, espalhar o milho no chão, recolher os ovos que ainda estavam quentes. Minha avó dizia que o segredo para galinhas felizes era conversar com elas, e eu conversava. Contava meus sonhos, minhas preocupações, minhas perguntas sem resposta. Elas cacarejavam como se entendessem, bicando o milho com entusiasmo.

— Você é mais bicho do que gente, menino — minha avó ria. — Passa mais tempo com as galinhas do que com a gente.

Mas ela também ria quando eu contava o que as galinhas tinham dito. "A galinha carijó disse que a chácara do seu Zé vai dar muito feijão esse ano", eu anunciava. "A galinha preta disse que a filha da dona Maria vai casar." Minha avó ria, mas meu avô olhava sério e dizia:

— Escuta os bichos, menino. Eles sabem coisas que a gente esqueceu de aprender.

Os sábados eram dias especiais. Meu avô me levava para a feira na cidade vizinha, uma viagem de quarenta minutos pela estrada de terra que serpenteava entre plantações de cana e pastos de gado. Eu sentava na carroceria da caminhonete velha, uma Ford F-100 de 1970, que meu avô mantinha funcionando com milagre e peças improvisadas. Sentia o vento bater no rosto, o cheiro de capim queimado, a poeira que se levantava atrás da caminhonete e dançava no ar.

Na feira, meu avô negociava com os outros feirantes com uma habilidade que beirava a arte. Ele vendia suas galinhas, seus ovos, sua

farinha de mandioca, e comprava o que não produzia: açúcar, sal, querosene, tecido para minha avó fazer vestidos. No final da tarde, antes de voltarmos, ele me comprava um picolé de coco no carrinho do seu Joaquim.

— Menino, a vida é igual a essa estrada — ele dizia, apontando para o horizonte onde a terra se encontrava com o céu. — Tem curva, tem buraco, tem subida. Mas se você não parar de andar, uma hora chega onde quer.

Eu olhava para a estrada, para as curvas que se escondiam atrás das colinas, e pensava que a vida devia ser mesmo uma viagem infinita, com meu avô ao volante e o sol se pondo no horizonte.

— Mas e se a estrada acabar, seu Bento? — eu perguntei um dia.

Ele ficou em silêncio por um longo momento. Depois, com uma seriedade que não era comum nele, disse:

— A estrada não acaba, menino. A gente é que às vezes esquece que ela continua.

Naquela noite, eu sonhei com estradas. Estradas de terra, estradas de asfalto, estradas que subiam montanhas e desciam vales. Em todas elas, meu avô estava ao volante, e eu sentia o vento no rosto e o cheiro de café passado no pano.

Eu tinha nove anos. E achava que o mundo inteiro cabia naquele horizonte.

A casa dos meus avós era um lugar de ritos. Cada hora do dia tinha seu propósito, sua função, sua beleza silenciosa. A manhã começava com o café e o trabalho no terreiro. Meio-dia trazia o almoço, sempre com comida simples mas farta: arroz, feijão, alguma carne de sol ou galinha caipira, e uma salada de alface e tomate do quintal. Minha avó cozinhava com uma habilidade que parecia mágica, transformando ingredientes humildes em pratos que eu ainda hoje lembro com nostalgia.

A tarde era para descansar, porque o sol forte não permitia trabalho pesado. Meu avô tirava uma soneca na rede de varanda, com o chapéu de palha cobrindo o rosto. Minha avó costurava ou bordava, suas agulhas se movendo com uma precisão que eu achava hipnótica. Eu ficava embaixo da mangueira, lendo os livros que o professor da escola rural me emprestava. A escola era a única na região, uma sala com paredes de madeira e telhado de zinco, onde uma professora dava aula para crianças de todas as idades. Eu era o mais novo, mas lia melhor que os mais velhos, porque minha avó tinha me ensinado a ler com os jornais velhos que forravam as paredes.

— Esse menino vai longe — a professora dizia para minha avó. — Tem uma cabeça boa.

Minha avó sorria, mas balançava a cabeça.

— O importante não é ir longe, dona. O importante é ser bom. Meu Bento sempre diz que o homem bom é como a terra: dá fruto sem pedir nada em troca.

Eu ouvia essas conversas e não entendia completamente, mas sentia que eram importantes. Sentia que havia uma sabedoria naquela vida simples que nenhuma riqueza poderia comprar.

À noite, depois do jantar, meu avô pegava sua viola. Ele a tinha desde jovem, um instrumento de madeira escura com o braço gasto pelo uso. As cordas estavam sempre desafinadas, mas ele não ligava. Ele tocava modas de viola, canções antigas que falavam de amores perdidos, de boiadeiros solitários, de estradas que não tinham fim. Minha avó acompanhava com a voz, uma voz rouca e doce que parecia vir da alma. Eu ficava ouvindo, deitado no chão de terra batida, olhando para as telhas do telhado onde as lagartixas passeavam.

— Seu Bento, me ensina tocar viola? — eu pedia.

— A viola não se ensina, menino. A viola se sente. Aperta aqui, onde o braço encontra o corpo do instrumento, e deixa a música sair. É igual ao assobio. A alma fala, os dedos ouvem.

Ele me deixava segurar a viola, sentir o peso dela no colo, passar os dedos pelas cordas. O som que saía era desafinado, estranho, mas para mim era a música mais bonita do mundo.

— Um dia você toca, menino. Um dia você vai ter uma viola sua e vai fazer música com a alma.

Na última noite antes do incêndio, minha avó fez meu prato favorito. Angu de milho amarelo, cremoso e quente, com carne de sol

desfiada e couve refogada com alho. Eu comi três vezes, minha barriga ficou redonda como um jerimum, e minha avó riu.

— Você vai explodir, menino. Vai virar uma bola de angu.

— Deixa ele, Rosa — meu avô disse, com um sorriso nos olhos.

— Menino precisa comer para crescer.

Depois do jantar, meu avô me chamou para sentar no colo. Ele não fazia isso com frequência, não era homem de demonstrações afetivas. Mas naquela noite, ele me puxou para perto e começou a cantarolar uma moda. Era uma canção triste, sobre um boiadeiro que se perdeu na estrada e encontrou o amor em uma venda à beira do caminho.

— Essa canção, menino, foi a primeira que eu cantei para sua avó — ele sussurrou. — Eu era um rapazola sem futuro, andando por aí feito boi sem dono. Aí vi dona Rosa na porta da casa dela, e soube que meu futuro tinha chegado.

Minha avó corou, batendo nele com o pano de prato.

— Seu Bento, não enche a cabeça do menino com bobagem.

— Bobagem não, Rosa. É a verdade. A verdade mais bonita da minha vida.

Eu não entendia o amor, não como eles entendiam. Mas sentia o amor naquela casa. Sentia em cada gesto, cada palavra, cada silêncio compartilhado. Sentia no jeito que meu avô olhava para minha avó, no jeito que ela arrumava o chapéu dele antes de ele sair, no jeito que eles se sentavam lado a lado na varanda quando a noite caía.

Fui dormir com aquela sensação de plenitude. Os pés descalços esfregando no lençol surrado, o corpo quente de comida e carinho, a cabeça cheia de modas de viola e promessas de um futuro que parecia garantido.

Não sabia que era a última vez que eu sentiria aquela paz.

Não sabia que o fogo estava chegando.

O Céu Virou Cinzas

Acordei com o calor.

Não era o calor do sol da manhã, aquele que a gente sente na pele e agradece, que traz a promessa de um novo dia. Era um calor que queimava os olhos, que secava a garganta, que fazia a gente tossir antes mesmo de abrir a boca. Um calor que tinha cheiro de fumaça e desespero.

Pulei da cama com o coração disparado. A claridade que entrava pelas frestas da janela não era a luz do amanhecer. Era um clarão laranja, dançante, que se movia como uma serpente voraz.

— Vovó! Vovô! — gritei, minha voz saindo rouca.

O fogo já tinha tomado a cozinha. As cortinas de chita que minha avó bordava com tanto capricho, flores coloridas que ela passava horas desenhando com linha e agulha, eram agora línguas de fogo que lambiam as paredes. O fogão de lenha, onde ela cozinhava o café todas as manhãs, estava no centro de um inferno laranja e negro.

A fumaça me derrubou. Ela entrou pelos meus pulmões como uma mão apertando, sufocando, roubando o ar. Caí de joelhos no chão de terra batida, tentando respirar, sentindo os olhos arderem como se

tivessem brasas dentro. Rastejei para onde achava que era o quarto dos meus avós, mas o fogo já tinha tomado tudo.

Ouvi um grito. Um grito que não parecia humano, que vinha de algum lugar dentro daquele inferno. Era minha avó. Era minha avó e o grito dela era o som de uma alma sendo arrancada do corpo.

— Vovó! Vovó! — gritei, mas minha voz era um fio, um sussurro que o fogo engolia.

Rastejei mais, as mãos queimando no chão quente. Eu via as chamas, via o fogo subir pelas paredes de madeira, via o telhado de palha começar a ceder. A casa dos meus avós, o único lugar seguro que eu conhecia, estava se transformando em cinzas diante dos meus olhos.

Então ouvi outro som. Um som que eu nunca vou esquecer, que vai me assombrar até o dia em que eu morrer. Era o som do telhado desabando. O estalo da madeira que se parte, o crepitar do fogo que triunfa, e depois — silêncio. Um silêncio absoluto, que não tinha nada de pacífico. Era o silêncio da morte.

Alguém me puxou pelo braço. Mãos fortes, ásperas, me agarraram com violência e me arrastaram para fora. Era o vizinho, seu João, um homem bruto que nunca me dirigira uma palavra amável, que sempre me olhava com desconfiança quando eu passava perto de sua cerca. Mas naquela hora, ele me carregou como se eu fosse um boneco de pano, me jogou no chão longe do fogo, e correu de volta.

— Os velhos! — ele gritou. — Os velhos ainda estão lá dentro!

Vi seu João tentar entrar. Vi ele ser repellido pelas chamas. Vi ele desistir, os ombros caídos, o rosto coberto de fuligem e lágrimas.

Não adiantou.

Quando os bombeiros chegaram, horas depois, já não tinha mais nada. A casa, a mangueira, o pé de jaca, o galinheiro, tudo tinha virado cinzas. Cinzas cinzentas e pretas que o vento levava para longe como se nunca tivessem existido. Cinzas do telhado de palha. Cinzas da cama de varas que meu avô fez com as próprias mãos. Cinzas dos corpos que eu amava.

O sol nascia por trás daquelas cinzas, um sol vermelho e triste que parecia envergonhado de mostrar sua luz. O céu, que na minha infância era azul e limpo como a alma dos que nunca sofreram, naquela manhã era cinza. Cinza igual ao que sobrou da minha vida.

Fiquei sentado no chão por horas, sem conseguir me mexer. As pessoas vinham e iam, falavam coisas que eu não ouvia, balançavam a cabeça com tristeza. Alguém me deu um copo d'água, mas eu deixei cair. Alguém me cobriu com um cobertor, mas não senti o calor. Não senti nada.

Só as cinzas. Só o vazio.

Foi seu João que me contou, alguns dias depois, quando eu finalmente consegui falar. Ele tinha ido à delegacia, tinha ouvido os policiais conversarem. O fogo tinha sido posto. Gente da fazenda

vizinha, os herdeiros de um homem rico que queria aquelas terras. Meus avós tinham se recusado a vender, e eles tinham decidido tomar o que não podiam comprar.

— Eles vão pagar por isso? — perguntei, minha voz saindo num fio rouco.

Seu João balançou a cabeça.

— Não tem prova, menino. Não tem testemunha. Os policiais disseram que foi acidente, que o fogão caiu. Mas eu sei, e você sabe. O que a gente faz com isso, só Deus sabe.

Eu não acreditava em Deus naquela hora. Não acreditava em nada. Só acreditava no ódio. Um ódio que cresceu dentro de mim como uma erva daninha, que não pedia permissão, que não respeitava nada. Um ódio que eu não sabia como alimentar, mas que estava ali, vivo, esperando.

Naquela noite, no colchão emprestado na casa do seu João, ouvi o silêncio. Um silêncio que doía nos ouvidos. Não tinha o ronco do seu Bento, a tosse da dona Rosa, o galo cantando antes da hora. Não tinha o cheiro do café passado no pano.

Tinha só o vazio. E a primeira vez que pensei, com uma clareza aterrorizante:

"Deus não existe. Se existisse, não teria deixado isso acontecer."

Não sabia que esse pensamento ia me acompanhar por décadas. Não sabia que ele seria o princípio de todas as minhas quedas, o

veneno que ia envenenar cada pensamento, cada escolha, cada momento da minha vida. Naquela noite, eu era só um menino de doze anos que tinha acabado de perder tudo. E o menino, na sua dor, escolheu o ódio.

Foi a pior escolha da minha vida.

A Violência como Anestesia

Órfão aos doze anos, fui parar na casa de uma tia por parte de pai, uma mulher que eu mal conhecia e que nunca gostou de mim. Seu nome era dona Lurdes, e ela morava numa cidade pequena a duzentos quilômetros da roça dos meus avós.

— Eu não tenho obrigação de cuidar de você — ela disse no primeiro dia. — Mas como ninguém mais quer, você fica aqui. Mas não vai ser moleza.

Não foi. Dona Lurdes me tratava como um estorvo, um incômodo que ela era obrigada a aturar. O quarto que me deram era um depósito sem janela, com um colchão fino no chão e roupas velhas empilhadas num canto. A comida vinha com cara de nojo, servida em pratos separados, como se eu tivesse uma doença contagiosa.

— Seu lugar é aqui, debaixo da escada — ela dizia. — Igual cachorro.

Ela falava isso na frente dos outros, das amigas que vinham visitar, dos vizinhos que paravam para conversar. Eu ouvia as risadinhas, os olhares de canto, e sentia a humilhação me queimar por dentro.

— Esse é o menino do incêndio — ela dizia. — O pai e a mãe morreram, os avós morreram queimados, e ele sobrou. Feio é que não morreu junto.

Fiquei seis meses naquela casa. Seis meses de silêncio, de olhares de desprezo, de ouvir minha própria existência sendo tratada como uma maldição. Aprendi a andar leve, a não fazer barulho, a não ocupar espaço. Aprendi que minha presença era um fardo, que minha respiração era um incômodo.

Uma noite, dona Lurdes me acusou de roubar dinheiro da bolsa dela.

— Não fui eu — disse, minha voz quase inaudível.

— É claro que foi você. Desde que esse infeliz chegou aqui, as coisas começaram a sumir. Você é igual ao seu avô, um sem-vergonha, um mentiroso. Ele era ladrão e você vai ser igual.

Foi a última coisa que ouvi dela. Peguei minhas poucas roupas — duas camisas, uma calça, um par de tênis rasgados —, enfiei numa sacola plástica, e fui embora.

A rua me engoliu. Eu era pequeno, magro, com cara de assustado, mas aprendi rápido que o mundo não tem piedade de criança. Dormia em marquises, os ossos doendo no concreto frio. Pedia comida em restaurantes, ouvindo "sai daqui, moleque" como quem espanta um cachorro. Roubava frutas nas feiras, correndo entre as bancas enquanto os feirantes gritavam e atiravam o que tinham na mão.

Os outros meninos de rua me ensinaram a arte da sobrevivência. Como desviar de polícia, como identificar um turista desatento, como sumir no meio da multidão. Eles não perguntavam sobre o passado,

não se importavam com quem você era antes. Importava só o hoje, a próxima refeição, o próximo lugar para dormir.

— Você é novo aqui, né? — perguntou um deles, um garoto chamado Pequeno que tinha quinze anos e já parecia ter vivido cinquenta.

— Três dias — respondi, sem levantar os olhos.

— Vai aprender. Todo mundo aprende. O segredo é não ter medo. Medo é o que te derruba.

Eu não tinha medo. Pelo menos, era o que eu dizia para mim mesmo. Mas tinha raiva. Uma raiva fria, que não se manifestava em gritos ou em violência óbvia. Era uma raiva que se escondia dentro de mim, que crescia a cada humilhação, a cada fome, a cada noite sem dormir pensando no fogo que tinha levado meus avós.

A revolta cresceu em mim como um tumor maligno. Cada vez que via uma casa bonita, pensava nos donos da fazenda que queimaram a casa dos meus avós. Cada vez que via um homem de carro bom, imaginava seu Bento na caminhonete velha, rindo e cantando, e uma fúria silenciosa tomava conta de mim. O mundo era injusto. Os maus prosperavam, os bons sofriam. E eu estava no meio disso, tentando sobreviver com as migalhas que o mundo jogava no chão.

Aos quinze anos, já era conhecido entre os pequenos delinquentes da cidade. Não pelo tamanho — eu continuava magro e pequeno para a minha idade —, mas pela disposição. Eu não tinha medo. Não tinha

nada a perder. Essa é a arma mais perigosa que um ser humano pode carregar.

Foi num assalto a uma farmácia que tudo acabou.

Planejamos com dois caras mais velhos, uns vinte e poucos anos. Eles me chamavam de "menino" e riam das minhas ideias, mas eu não ligava. Eu queria dinheiro, queria mostrar que era capaz, queria provar para mim mesmo que não era mais aquele garoto assustado que dormia em marquises.

— Você entra primeiro — disse um deles, um magrelo chamado Carlão. — Distrai o balconista, faz ele olhar para você. Aí a gente entra com as armas.

Entrei. A farmácia era pequena, com prateleiras de remédios e um balcão de madeira onde um homem de meia-idade atendia. O homem era gordo, careca, usava óculos de aro dourado. Quando me viu, sorriu.

— Oi, garoto. Veio comprar remédio?

— Não — respondi, minha voz tremendo. — Vim... vim perguntar um negócio.

O homem se inclinou, paciente. Eu podia ver o batom da filha na bochecha dele, um beijo de despedida pela manhã. Podia ver a foto da esposa no balcão, uma mulher sorridente com cabelos cacheados. Podia ver a vida daquele homem, toda a sua normalidade banal, e senti uma pontada de inveja.

— Fala, garoto — ele disse. — Tô aqui pra ajudar.

Foi quando Carlão e o outro entraram. Eles tinham armas. Pistolas pretas, cintilantes sob a luz fluorescente da farmácia.

— Isso é um assalto! — Carlão gritou. — Não se mexam!

O homem do balcão ergueu as mãos. Seu rosto, que antes era calmo e sorridente, se transformou. Era o rosto do medo, um rosto que eu vi muitas vezes depois, em muitos lugares diferentes. Mas foi a primeira vez que vi aquela expressão, e ela ficou gravada em mim.

— Não atira — o homem implorou. — Tô te dando tudo.

Carlão foi para o caixa. O outro rapaz, nervoso demais, apontou a arma para o homem do balcão. Eu estava parado, sem saber o que fazer, sem saber quem eu era naquela história.

O homem do balcão fez um movimento. Tentou pegar o celular no bolso da calça. Talvez fosse para chamar a polícia, talvez fosse só um gesto nervoso.

O outro rapaz atirou.

O som do tiro foi alto, ensurdecedor. O homem do balcão caiu com um buraco no peito. Seus olhos arregalados me olharam por um segundo que durou uma eternidade. Olhos azuis, muito azuis, que não viam mais nada. Depois, se apagaram.

Corremos. Eu corri como nunca corri na vida, as pernas queimando, o coração explodindo dentro do peito. As ruas eram um borrão, as luzes se confundiam, os gritos da polícia vinham de todos os lados.

Mas não adiantou. Me pegaram no beco, me jogaram no chão, me algemaram com violência. Na delegacia, me perguntaram o que eu fazia ali.

— Não sei — respondi.

— Não sabe? — O policial me olhou com desprezo. — Você tava num assalto. Você é cúmplice de homicídio. Como não sabe?

Eu olhei para o chão e não respondi. Não porque estava com medo. Mas porque, no fundo, uma parte de mim achava que merecia estar ali. Que aquela era a punição que eu estava esperando desde o dia do incêndio. Desde a humilhação na casa da tia. Desde cada noite na rua, cada fome, cada desprezo.

O juiz me condenou. Quinze anos na época do crime, mas como o crime tinha sido brutal, ele me julgou como adulto. Vinte e cinco anos de prisão.

Quando ouvi a sentença, não senti nada. Só um alívio estranho. Finalmente, o mundo tinha me visto. Finalmente, alguém me punia. Finalmente, eu tinha um lugar para onde ir, um propósito, uma identidade.

Eu era um criminoso. Era o que eu merecia. Era o que eu tinha escolhido ser.

Não sabia que essa punição, comparada com a que eu mesmo ia me impor, era apenas um começo. Não sabia que o verdadeiro inferno ainda estava por vir. Não sabia que o pior juiz que eu enfrentaria não

seria o homem do direito, mas o homem que eu via todos os dias no espelho da cela.

Mas isso, eu aprenderia nos longos anos de silêncio e escuridão que se seguiriam.



PARTE II

O INFERNO DE CIMENTO

CAPÍTULO 4

Entrada na Penumbra

A primeira coisa que senti quando atravesssei os portões do presídio foi o cheiro.

Não era um cheiro só, mas uma sinfonia de fedores. Mofo, suor, comida estragada, urina, fezes, desespero. Um perfume de morte que entrou pelo meu nariz e se instalou nos meus pulmões como um hóspede que não ia embora nunca mais. Era o cheiro de tudo que estava errado no mundo, concentrado naquele espaço de concreto e arame farpado.

Tiraram meu nome. Não que eu tivesse um nome importante — José Francisco da Silva, um nome comum como tantos outros. Mas

naquele instante, quando me deram um número e me disseram que eu era aquele número e nada mais, senti uma parte de mim morrer. O menino que andava com os avós no terreiro, que comia angu na cozinha de chão batido, que ouvia modas de viola no colo do avô — esse menino não existia mais. Agora eu era só o 7342. O 7342 era uma categoria, uma ficha, uma estatística. O 7342 não tinha história, não tinha sonhos, não tinha futuro.

A cela tinha três metros por dois. Para oito homens. Dormíamos de pé, encostados uns nos outros, respirando o ar viciado que saía dos pulmões alheios. O colchão era uma espuma fina que não protegia do concreto. O banheiro era um buraco no chão que transbordava quando chovia, espalhando um cheiro de esgoto que impregnava tudo.

Os primeiros dias foram um choque. Eu via homens se agredindo por um cigarro, um pedaço de pão, um olhar mais longo. A violência não era exceção, era a regra. A lei da selva imperava, mas uma selva de concreto onde não havia presas para caçar, só outros predadores.

Vi um cara ser esfaqueado na fila do almoço porque derrubou sopa na camisa de outro. Vi outro ser espancado até desmaiar porque não pagou uma dívida de jogo. Vi um homem ser estuprado na cela ao lado, ouvindo seus gritos abafados e sabendo que não podia fazer nada, porque interferir significava se tornar o próximo alvo.

A superlotação era o pior. Corpos contra corpos, carne contra carne, o calor humano se tornando um fardo. O suor escorria das testas e se misturava, o ar era insuficiente para todos, e a sensação de estar

num lugar onde cada centímetro era ocupado por alguém que poderia te matar por nada.

Aprendi a não olhar nos olhos. Aprendi a não conversar. Aprendi a não fazer amizades. Aprendi a ser invisível. Porque invisível, naquele lugar, era o único jeito de continuar vivo. Qualquer contato, qualquer palavra, qualquer demonstração de fraqueza poderia ser fatal.

Mas pior que a violência era a falta de esperança. Você olhava nos olhos daqueles homens e não via futuro. Via só o hoje, o agora, a luta pelo próximo minuto. Muitos já estavam naquele sistema há tanto tempo que não lembravam mais o que era o lado de fora. Não tinham visitas, não tinham cartas, não tinham nada. Eles eram produtos daquelas paredes, criaturas de cimento que tinham se adaptado ao inferno como se fosse o único mundo possível.

Eu me fechei. Construí uma muralha ao redor de mim que ninguém podia atravessar. Recusei as primeiras tentativas de contato, os primeiros convites para jogar dominó ou dividir um cigarro. Isolamento era proteção. Solidão era segurança.

Mas o isolamento também tinha seu preço. Na solidão, não havia distrações. Não havia ninguém para puxar conversa, para fazer piada, para contar histórias. Na solidão, a única companhia era a culpa.

Ela vinha todas as noites. Quando as luzes se apagavam e a escuridão tomava conta, a culpa se sentava ao meu lado, como um fantasma que não podia ser exorcizado. Lembrava do fogo, lembrava

do grito da minha avó, lembrava do telhado desabando. Lembrava do tiro, lembrava dos olhos azuis do balconista se apagando.

— Você podia ter feito algo — a culpa sussurrava. — Podia ter salvado eles. Podia ter impedido o tiro. Podia ter escolhido não estar lá.

E eu não tinha resposta. Não tinha defesa. A culpa estava certa. Eu podia ter feito algo. Eu podia ter escolhido diferente. Mas não escolhi. E agora estava ali, no inferno de cimento, pagando pelo que fiz.

Não sabia que a pior parte ainda estava por vir. Não sabia que o verdadeiro castigo não era o frio, a fome, a violência. O verdadeiro castigo era a solidão, e a certeza de que eu merecia cada segundo dela.

O Nascimento de Zé da Lua

No segundo ano de prisão, me transferiram para o pavilhão dos mais perigosos.

Não porque eu fosse violento — eu nunca tinha levantado a mão para ninguém no presídio, não participava de brigas, não me envolvia nas disputas de poder. Mas porque eu me recusava a participar das atividades. Não ia à igreja, não pedia redução de pena, não recebia visitas. Para a administração, isso era suspeito. Para os outros presos, era simplesmente estranho.

— Esse cara tá com algum problema — ouvi um agente dizer. — Não fala com ninguém, não faz nada. Parece que já tá morto.

O pavilhão dos perigosos era pior que o anterior. A superlotação era ainda mais extrema, a violência ainda mais brutal, a falta de esperança ainda mais profunda. Mas eu não ligava. No fundo, eu até preferia. Quanto pior o lugar, mais eu me sentia no lugar certo.

Minha nova cela ficava no andar de cima. Tinha uma janela pequena, quase no teto, gradeada com barras de ferro. Era uma fresta de luz que entrava no final da tarde, quando o sol já estava se pondo e o céu se pintava de laranja e roxo.

E à noite, se a lua estivesse cheia, aquela fresta se enchia de claridade prateada. A luz entrava em forma de um retângulo luminoso no chão de cimento, e ficava ali, imóvel, como se fosse um convite.

Eu ficava horas olhando para aquela luz, sentado no chão, as costas encostadas na parede. Era a única coisa bonita que eu via. A única coisa limpa. A única coisa que não tinha cheiro de morte.

Quando a luz da lua entrava, eu sentava no retângulo de prata. Sentia a claridade no rosto, nos braços, nas pernas. Fechava os olhos e imaginava que estava em outro lugar. Na roça, ouvindo meu avô assobiar. No colo dele, ouvindo modas de viola. Na cozinha, com minha avó, sentindo o cheiro de café passado no pano.

Mas quando abria os olhos, estava de volta. A cela, o cimento, as grades. A realidade.

Os outros presos começaram a reparar.

— Olha lá o maluco — diziam. — O cara passa a noite olhando a lua. Parece que tá esperando ela descer pra buscar ele.

— Zé da Lua — um deles gritou da cela ao lado, numa noite de lua cheia. — Ei, Zé da Lua! Tá esperando o quê, que a lua vai te levar?

Eu não respondi. Mas o apelido pegou.

Zé da Lua. O homem que vivia com os olhos no céu, esperando um milagre que não vinha. O homem que já estava morto por dentro mas ainda tinha alguma coisa que o fazia olhar para cima.

Eu não esperava milagre nenhum. Não esperava que a lua me buscasse ou que um anjo descesse para me salvar. Eu só achava que, se não olhasse para aquela luz, ia enlouquecer de vez. A lua era a única testemunha do que eu era, do que eu tinha feito, do que eu tinha perdido. Ela via tudo, desde o incêndio até aquele momento. Ela tinha visto meu avô plantar a mangueira, minha avó bordar as cortinas, o fogo consumir tudo. E ela não me julgava.

Porque ela sabia. Sabia que o pior juiz não estava lá fora, com paletó e martelo, sentado num tribunal de madeira polida. O pior juiz estava ali, dentro de mim, me condenando a cada noite, a cada luz de lua, a cada momento de silêncio.

O apelido se espalhou. Zé da Lua. Até os agentes começaram a me chamar assim.

— Zé da Lua, vai comer — um deles dizia, batendo na grade. — Zé da Lua, tem visita. Ah, não, você não recebe visita, né? Esqueci.

Eles riam. Eu não ligava. Eu já tinha perdido a capacidade de me importar com o que os outros pensavam. A única coisa que importava era aquele retângulo de luz prateada, e a sensação de que, enquanto ele existisse, alguma parte de mim ainda estava viva.

O tempo na cela não se media em dias, meses ou anos. Media-se em luas.

Cada lua cheia era um marco, uma pequena celebração silenciosa. Cada lua nova era um mergulho mais fundo na escuridão. O

ciclo lunar se tornou meu calendário, minha única forma de marcar a passagem do tempo. As luas cheias se sucediam, uma após outra, e eu as contava como quem conta os grãos de um rosário.

Na noite de lua nova, a cela ficava completamente escura. E nessas noites, a escuridão era insuportável. Não a escuridão física, mas a escuridão dentro de mim. A culpa, a dor, as memórias. Elas vinham mais fortes quando não havia luz para distraí-las.

Nessas noites, eu me encolhia no canto da cela e esperava. Esperava o amanhecer, a luz do dia, o retorno da lua. Esperava sobreviver mais um dia, mais uma noite, mais uma hora.

Passei assim cinco anos. Cinco anos de luas cheias e luas novas. Cinco anos de silêncio. Cinco anos de solidão.

E então, no quinto ano, algo mudou.

O Veredito Interno

Recusei todas as visitas. Minha tia dona Lurdes tentou vir uma vez, no terceiro ano de prisão. O agente me chamou, disse que tinha uma mulher na sala de visitas com meu sobrenome.

— Não quero ver ninguém — respondi, sem levantar os olhos.

— É sua tia. Ela viajou longe pra vir.

— Não quero.

O agente balançou a cabeça, frustrado. Depois, contou que ela tinha chorado na saída, dizendo que queria pedir desculpas, que tinha se arrependido de ter me expulsado.

Eu não liguei. Não porque não tivesse mágoa — eu tinha, muita —, mas porque a visita dela teria sido um alívio. Um alívio que eu não merecia. Eu merecia a solidão. Merecia a escuridão. Merecia cada noite sem ninguém.

Meu advogado, nomeado pelo Estado, me escreveu cartas. Cartas formais, com frases feitas e termos legais. Oferecia recursos, apelações, possibilidades de redução de pena. Dizia que eu era jovem, que podia recomeçar, que a lei permitia uma segunda chance.

Rasguei todas sem ler. A segunda chance era um luxo que eu não tinha direito. A lei humana podia ser complacente, mas a lei que eu mesmo tinha criado não conhecia piedade.

Os outros presos achavam que eu era orgulhoso. Ou maluco. Ou que tinha alguém lá fora que eu odiava tanto que preferia sofrer a ver a cara da pessoa.

Mas não era ódio. Era pior. Era culpa.

Eu tinha matado um homem. Não com minhas próprias mãos, mas com minha presença. Eu estava lá, no assalto. Eu fiz parte daquilo. O tiro não tinha saído da minha arma, mas eu era cúmplice, participante, responsável. Aquele balconista tinha uma vida, uma família, sonhos. O sorriso que ele me deu quando eu entrei na farmácia — "Oi, garoto, veio comprar remédio?" —, a foto da esposa no balcão, o batom da filha na bochecha. Eu tirei tudo isso. Tudo.

Mas a culpa não era só por ele.

A culpa também era pelos meus avós. Eu tinha doze anos, era só uma criança. Mas a culpa não se importa com a lógica. Ela sussurrava, insidiosa: "Se você tivesse acordado mais cedo, se tivesse ouvido os barulhos estranhos, se tivesse gritado mais alto... Talvez tivesse conseguido salvá-los. Talvez o fogo não tivesse tomado conta tão rápido."

Talvez. A palavra dos vivos. A palavra dos que ficam, imaginando como poderiam ter mudado o destino dos mortos. Talvez fosse a palavra mais cruel do dicionário.

Eu não merecia perdão. Não merecia visitas, cartas, advogados. Não merecia a luz da lua, a comida, o ar que respirava. Merecia o inferno de cimento, a fome, o frio, as noites sem dormir pensando no fogo e no tiro e nos olhos se apagando.

Essa era minha sentença. E eu mesmo a decretei.

O processo de autoflagelação foi metódico. Eu não me permitia pequenos prazeres. Se alguém me oferecia um cigarro, eu recusava. Se sobrava um pedaço de pão, eu não pegava. Se a comida do dia estava melhor, eu comia menos.

Quanto mais eu sofria, mais eu sentia que estava pagando. Quanto mais eu me negava qualquer consolo, mais perto eu estava de quitar minha dívida. Era uma lógica doentia, mas era a única lógica que fazia sentido na minha cabeça.

Os anos passaram. O rosto no espelho ficou mais velho, mais magro, mais marcado. Os cabelos começaram a embranquecer nas têmporas. Mas a culpa continuava a mesma, intacta, intocada.

Eu tinha construído uma prisão dentro da prisão. Uma cela dentro da cela. E eu era o único guarda, o único juiz, o único carcereiro. Ninguém podia me libertar porque a chave não existia.

Ou assim eu pensava.

Até que, numa tarde qualquer, a fresta na rocha começou a aparecer.

PARTE III

A FRESTA NA ROCHA



CAPÍTULO 7

A Folha Amarelada

O quinto ano de prisão começou como os outros: silêncio, solidão, culpa.

Mas um dia, um agente penitenciário que eu não conhecia apareceu na grade da minha cela com um livro na mão.

— Zé da Lua, pega — disse, enfiando o livro entre as barras. — É um projeto de leitura. A direção quer que todo mundo tenha um livro.

Eu ia recusar. Sempre recusava. Mas o agente insistiu, sua voz cansada de lidar com presos teimosos.

— Pega, Zé. Vai te ajudar. Ficar sem fazer nada só piora as coisas. Acredita em mim, eu vejo isso todo dia.

Peguei o livro para que ele fosse embora. Não tinha intenção de ler. Era um romance velho, com capa desbotada, folhas amareladas pelo tempo. O título estava quase apagado, a lombada quebrada. Coloquei no canto da cela e esqueci.

Naquela noite, a insônia veio como sempre. As paredes pareciam se fechar, os pensamentos giravam num redemoinho, e a culpa sussurrava mais alto que nunca. Peguei o livro por desespero, só para ter algo para fazer com as mãos, para não ficar ouvindo a voz dentro da minha cabeça.

Abri numa página qualquer, sem ler, apenas folheando. E uma folha de papel caiu no meu colo.

Era um bilhete. Escrito à mão, com uma caligrafia trêmula, de uma tinta azul que já estava desbotada. O papel era amarelo, com as bordas rasgadas, como se tivesse sido guardado por muitos anos.

"Para quem encontrar isto: a vida não é o que acontece com você, é como você escolhe lidar com o que aconteceu. Eu passei quarenta anos preso por um crime que não cometi. Passei mais quarenta me condenando por não ter lutado. Até que um dia percebi que a única pessoa que ainda me prendia era eu mesmo. Libertei minha mente antes de libertar meu corpo. Que você também encontre sua chave.

Assinado: Um homem que aprendeu a ser livre."

Não tinha data. Não tinha nome. Só aquelas palavras, escritas por um estranho que eu nunca conheceria, mas que parecia estar falando diretamente comigo.

Li o bilhete uma vez. Duas. Três. A cada leitura, sentia algo se mexer dentro de mim. Era como se uma parede que eu achava que era concreto começasse a rachar. Pequenas fissuras, quase invisíveis, mas reais.

— A única pessoa que ainda me prendia era eu mesmo.

Passei a noite inteira com o bilhete na mão, lendo e relendo, como se pudesse decifrar um código secreto. Como se o bilhete tivesse sido colocado ali, naquele livro, naquela cela, exatamente para mim.

Quem era aquele homem? O que ele tinha feito? Como tinha conseguido se libertar?

Eu nunca saberia as respostas para essas perguntas. Mas o bilhete já tinha feito seu trabalho. Ele tinha plantado uma semente.

No dia seguinte, peguei o livro. O romance velho, esquecido. Comecei a ler.

Era uma história simples, sobre um homem que perdia tudo e aprendia a recomeçar. Não era um grande livro, não tinha escrita brilhante nem personagens inesquecíveis. Mas era uma história de esperança. E naquele momento, para mim, era exatamente o que eu precisava.

Continuei lendo. Terminei o livro em dois dias, algo que não fazia desde a infância, quando devorava os livros da escola rural. Pedi outro. Depois outro. A leitura se tornou um refúgio, uma maneira de escapar da cela sem sair do lugar.

Mas o bilhete ficava sempre comigo. Guardava debaixo do colchão, tirava todas as noites para reler. As palavras do desconhecido se tornaram uma espécie de oração, um mantra que eu repetia para mim mesmo quando a culpa vinha apertar.

— A única pessoa que ainda me prende sou eu mesmo.

Demoraria anos para entender completamente o que aquelas palavras significavam. Mas a semente já tinha sido plantada.

E começou a crescer.

A Noite do Choro Represado

A lua estava cheia.

Quando a noite caiu e a luz prateada começou a entrar pela fresta da janela, eu já estava esperando. O retângulo luminoso se formou no chão de cimento, e eu me sentei dentro dele, como sempre fazia.

Peguei o bilhete. Li mais uma vez. *"A única pessoa que ainda me prendia era eu mesmo."*

E então, sem aviso, o choro veio.

Não foi um choro de homem. Não foi aquele choro contido que a gente aprende a disfarçar, a engolir, a esconder. Foi um choro de criança. Aquele choro que a gente prende na garganta quando não quer que ninguém veja a dor. Aquele choro que a gente guarda por anos, décadas, até que não cabe mais dentro do peito.

Começou como um soluço. Um som estranho que escapou da minha garganta sem permissão. Depois veio a lágrima, quente e salgada, descendo pelo meu rosto magro. Depois outra, e outra, até que eu estava chorando como uma criança, com o corpo inteiro sacudindo, os ombros tremendo, os dedos apertando o papel amarelado.

Lembrei do cheiro do café passado no pano. Lembrei da risada da minha avó, aquela risada gostosa que parecia vir da barriga, que

contagiada a casa toda. Lembrei do assobio do meu avô, das mãos calejadas segurando a enxada, dos olhos atentos lendo o horizonte.

Lembrei da última noite. Do angu. Da moda de viola. Do colo dele me segurando, das palavras que eu não entendia mas guardava no coração.

Lembrei do fogo. Lembrei das chamas laranjas lambendo as cortinas de chita. Do grito da minha avó, aquele grito que não parecia humano. Do telhado desabando. Do silêncio que veio depois.

Lembrei da rua. Das marquises de concreto onde dormia. Da fome que roía o estômago. Das humilhações, dos olhares de desprezo, das palavras que me diziam que eu não era nada.

Lembrei do assalto. Do tiro. Dos olhos azuis do balconista se apagando. Daquele olhar que me seguiu por anos, que eu via todas as noites quando fechava os olhos.

Lembrei de tudo. Tudo. E chorei.

Chorei como se o choro pudesse lavar cada uma daquelas memórias. Chorei como se as lágrimas pudessem apagar o fogo, ressuscitar os mortos, trazer de volta tudo que eu tinha perdido.

Chorei por horas. Minha garganta ardia, meus olhos queimavam, meu corpo inteiro doía. Mas o choro não parava. Era como se uma represa tivesse se rompido, e a água acumulada por décadas finalmente pudesse fluir.

— Eu sinto muito — sussurrei. — Sinto muito, vovó. Sinto muito, vovô. Sinto muito, seu homem da farmácia. Eu sinto muito, sinto muito, sinto muito.

As palavras saíam entre soluços, atropeladas, quase ininteligíveis. Mas eu precisava dizer. Precisava pedir desculpas. Precisava que alguém ouvisse.

E no meio daquele choro, algo aconteceu.

Foi como se um véu tivesse se levantado dentro da minha cabeça. Como se eu tivesse passado anos olhando para uma parede e, de repente, enxergasse a porta que sempre esteve ali.

Eu vi meu avô.

Não foi uma visão, não foi um fantasma. Foi uma lembrança. Uma lembrança que se tornou tão vívida, tão real, que parecia estar acontecendo naquele exato momento.

Ele estava sentado na varanda, tomando café. A xícara de esmalte branco com borda azul. O chapéu de palha puxado para trás. O olhar fixo no horizonte.

E ele disse, com aquela voz rouca que eu tanto amava:

— Menino, a vida é igual a essa estrada. Tem curva, tem buraco, tem subida. Mas se você não parar de andar, uma hora chega onde quer.

Eu parei de andar. Parei fazia anos. Parei no dia do incêndio, quando o fogo levou tudo. Parei na rua, quando a sobrevivência se

tornou o único objetivo. Parei no presídio, quando me condenei a uma prisão dentro da prisão.

— Eu não consigo mais andar, vovô — sussurrei. — Não sei o caminho.

E ouvi a resposta, não com os ouvidos, mas com a alma:

— O caminho é sempre pra frente, menino. Mesmo que você não veja. Mesmo que doa. O importante é não parar.

Foi quando entendi. Entendi que o perdão não era um destino, mas um caminho. Não era algo que eu recebia dos outros, mas algo que eu escolhia dar a mim mesmo. Não era uma recompensa, mas uma decisão.

Naquela noite, com o choro ainda molhando meu rosto e o bilhete amarelado apertado contra o peito, eu decidi.

Decidi que ia tentar. Que ia caminhar mesmo sem ver o caminho. Que ia tentar me perdoar, mesmo que parecesse impossível. Que ia parar de ser meu próprio juiz, meu próprio carcereiro, meu próprio algoz.

Não foi fácil. Não aconteceu de uma hora para outra. Mas naquela noite, a primeira fresta de luz verdadeira entrou na minha escuridão. E dessa vez, não era a luz da lua.

Era uma luz que vinha de dentro.

O Absolvimento da Alma

O difícil não foi se perdoar. O difícil foi entender que o perdão era uma escolha.

Passei anos achando que se sofresse o suficiente, a dor do passado iria embora. Que a culpa ia se dissolver se eu me punisse bastante. Era uma lógica infantil, mas eu a abracei como quem se agarra a uma tábua num naufrágio. Se eu sofresse, se me negasse tudo, se me mantivesse na escuridão — então, talvez, eu pudesse pagar pelo que fiz. Talvez, um dia, a dívida estivesse quitada.

Mas não foi o que aconteceu.

Quanto mais eu sofria, mais a culpa crescia. Ela se alimentava do meu sofrimento, ficava mais forte a cada lágrima, a cada noite em claro, a cada refeição recusada. Era um monstro que eu alimentava com minhas próprias mãos, e que a cada dia ficava maior, mais voraz, mais implacável.

O bilhete me mostrou outra coisa. Que o sofrimento não apaga o que foi feito. Ele só mantém a ferida aberta, impede a cicatrização, transforma a dor em um ciclo infinito que não leva a lugar nenhum.

Naquela noite do choro, entendi algo fundamental. Algo que mudou minha vida de uma maneira que eu nunca poderia imaginar.

Eu não podia trazer meus avós de volta. Não importava quanto eu sofresse, quantas lágrimas eu derramasse, quantos anos eu passasse naquelas paredes. O fogo já tinha consumido tudo. A vida deles tinha acabado, e nenhuma punição, nenhum arrependimento, nenhuma dor traria eles de volta.

Eu não podia desfazer o tiro que matou o balconista. Não podia ressuscitar aquele homem. Não podia dar de volta para a esposa o sorriso que ela perdeu, para a filha o pai que ela nunca mais veria. Aquele ato, aquela escolha, estava feito. E estava feito para sempre.

Mas eu podia escolher o que fazer com o resto da minha vida.

Essa foi a verdade que me libertou. Não foi uma verdade fácil. Não foi uma verdade confortável. Foi uma verdade que exigiu coragem para ser encarada.

Se destruir não ia honrar a memória do meu avô. Ele me ensinou a plantar, a cuidar, a fazer crescer. As mãos dele, calejadas de terra, me mostraram que a vida é algo que se constrói com paciência, com cuidado, com amor. Ele nunca ia querer que eu ficasse murchando numa cela, me consumindo de culpa. Ele ia querer que eu vivesse. Que eu fizesse algo de bom com o tempo que ainda tinha.

Me perdoar foi o ato mais difícil da minha vida.

Mais difícil que sobreviver na rua, com fome e frio e medo. Mais difícil que enfrentar a violência do sistema prisional. Mais difícil que

encarar a culpa, noite após noite, sem ninguém para me ajudar a carregá-la.

Mas foi também o mais libertador.

Porque o perdão próprio não é sobre esquecer. Não é sobre fingir que nada aconteceu ou que as escolhas não tiveram consequências. É sobre aceitar. Aceitar o que foi feito. Aceitar quem você se tornou. Aceitar que você não pode mudar o passado, mas pode mudar o futuro.

O perdão próprio não é desculpa. Não é justificativa. É responsabilidade. É olhar para o que fez, reconhecer o erro, e decidir que você vai ser melhor. Não para os outros, mas para si mesmo.

Naquela noite, depois do choro, eu escrevi uma carta. Uma carta para a família do balconista. Uma carta para meus avós. Uma carta para mim mesmo.

Não enviei nenhuma delas. Mas escrever foi um ato de libertação. Colocar no papel as palavras que eu nunca tinha dito em voz alta. Pedir desculpas para quem nunca ia ouvir. Prometer que eu ia tentar ser melhor.

— Eu não posso trazer vocês de volta — escrevi. — Mas posso viver de um jeito que honre o que vocês me ensinaram. Posso ser a pessoa que vocês acreditavam que eu podia ser. Mesmo que tenha demorado. Mesmo que tenha errado tanto.

Foi a primeira vez em anos que eu senti algo que não era dor.

Era esperança.

PARTE IV

O SOL DO LADO DE FORA



CAPÍTULO 10

O Retorno ao Mundo dos Vivos

Vinte e três anos depois de entrar naquele presídio, saí.

Não foi uma libertação completa. Era condicional, com regras, com restrições. Mas era o suficiente. Era uma chance.

O dia em que atravesssei o portão de ferro foi ensolarado. Um sol tão forte que precisei apertar os olhos para enxergar. O céu estava azul, um azul claro e limpo que eu não via há décadas — ou talvez nunca tivesse visto, porque na minha memória o céu sempre era cinza.

O portão rangeu atrás de mim, e ouvi o barulho da tranca se fechando. Dessa vez, eu estava do lado de fora. Mas a liberdade condicional não veio com um manual de instruções.

O mundo tinha mudado. As ruas estavam diferentes, com mais carros, mais prédios, mais placas luminosas. As pessoas andavam mais rápido, falavam mais alto, pareciam mais ansiosas. As roupas eram diferentes, os celulares que todo mundo carregava, a tecnologia que parecia ter avançado décadas enquanto eu estava parado no tempo.

Eu me sentia um estrangeiro no meu próprio país. Um homem de outro século, perdido num mundo que não reconhecia.

Tentei arrumar trabalho. Fui a agências de emprego, a fábricas, a mercados. Mostrava meus documentos, minha identidade, minha história. O olhar das pessoas mudava quando viam que eu tinha sido preso. Não importava quanto eu tivesse mudado, quantas vezes tivesse pedido desculpas, quanto tivesse sofrido. Para elas, eu era um ex-presidiário, e isso era tudo.

— Desculpe, não temos vagas — diziam, sem me olhar nos olhos.

— Vamos analisar seu currículo e depois entramos em contato — diziam, sabendo que nunca entrariam.

— O senhor tem experiência, mas... a gente tem que pensar na imagem da empresa — diziam, com um sorriso falso que me fazia querer sumir.

Algumas portas se fecharam na minha cara. Outras, eu nem tentei abrir. A sociedade tem um medo de quem passou pelo sistema, como

se a gente fosse uma doença contagiosa. Como se a gente não pudesse mais ser humano.

O preconceito doía. Doía de um jeito que eu não esperava. Na prisão, eu era um número, uma categoria, um "ex-detento". Lá fora, eu achava que seria um homem. Mas não. Lá fora, eu era ainda mais invisível. O ex-presidiário não tinha lugar, não tinha direito, não tinha futuro.

Tive vontade de desistir. Várias vezes. De voltar para a escuridão, para a cela, para a segurança de saber que eu era ninguém e que ninguém esperava nada de mim.

Mas aí eu lembrava do bilhete. Da noite do choro. Da carta que eu tinha escrito para mim mesmo.

Eu tinha prometido. Prometido que ia tentar. Prometido que ia honrar a memória dos meus avós. Prometido que ia viver, mesmo que doesse, mesmo que fosse difícil, mesmo que o mundo não quisesse me dar uma chance.

Então continuei tentando.

Mãos que Reconstroem

Foi num abrigo para egressos do sistema prisional que encontrei uma oportunidade.

O lugar era pequeno, com paredes de tijolo à vista e um telhado de zinco. Mas tinha algo que eu não via há muito tempo: gente que acreditava em mim. Pessoas que olhavam para mim e não viam um criminoso, mas um homem que podia recomeçar.

— Nós temos um programa de reinserção — explicou a coordenadora, uma mulher de cabelos grisalhos e olhos bondosos. — Agricultura urbana. A gente ensina ex-presidiários a cultivar hortas, a plantar, a produzir comida. Não é muito, mas é um começo.

Agricultura. A palavra ressoou dentro de mim como um eco do passado.

Peguei a enxada com as mãos trêmulas. A última vez que tinha segurado uma, eu tinha doze anos, e meu avô estava ao meu lado, me ensinando o jeito certo de cavar a terra.

— Não é força, menino — ele dizia. — É jeito. A terra precisa de cuidado, não de violência. A enxada não é uma arma, é uma extensão das suas mãos.

Agora, trinta anos depois, eu segurava a enxada de novo. E senti ele ali. Em cada golpe na terra, em cada semente que eu plantava, em cada muda que eu regava.

No começo, era difícil. As mãos, que só tinham segurado o peso da culpa, aprenderam de novo a segurar a enxada. As costas, curvas de tanto tempo encolhido na cela, se esticaram para o sol. Os olhos, que só viam a réstia de luz prateada da lua, aprenderam a ver o céu inteiro.

Plantei alface, rúcula, couve, coentro. Plantei tomate, pimentão, berinjela. Plantei o que me davam de semente, o que a terra aceitava, o que eu podia cuidar.

Cada pé que brotava era uma vitória. Cada folha verde que surgia era uma prova de que a vida teimava em existir mesmo depois de tudo. Mesmo depois do fogo, da violência, da prisão, da culpa.

A terra não me julgava. A terra não sabia do meu passado. A terra só queria ser cuidada, e eu cuidava.

Aos poucos, as mãos aprenderam de novo. Os calos voltaram, mas eram calos diferentes. Não eram calos de enxada usada com raiva e desespero. Eram calos de trabalho feito com amor, com paciência, com a memória de quem me ensinou.

O trabalho na terra me salvou. Não é exagero, é verdade. Salvar a terra, cultivar a vida, ver uma semente se transformar em planta e depois em fruto — isso me trouxe de volta à vida. Me lembrou que existe

uma ordem no mundo, que as coisas crescem quando são cuidadas, que a esperança pode surgir até do solo mais árido.

Os vizinhos do abrigo começaram a me conhecer. Não como o ex-presidiário, não como o criminoso, não como o Zé da Lua. Me conheciam como o Zé que plantava a melhor alface da região, como o Zé que dava conselhos sobre como cuidar das mudas, como o Zé que sempre tinha um tomate fresco para oferecer.

Eles não perguntavam sobre o meu passado. Viam minhas mãos, sujas de terra, e entendiam que eu estava fazendo algo novo. Que eu era alguém diferente.

Aos domingos, eu ia ao pequeno cemitério da cidade onde meus avós estavam enterrados. A lápide era simples, o nome deles quase apagado pelo tempo. Eu ficava ali, sentado na grama, e contava as novidades.

— A alface tá linda, vovó. Tá igualzinha a que a senhora plantava no canteiro. O feijão também tá crescendo, vovô. Apreendi o segredo que o senhor me ensinou: não adianta plantar se não cuidar da terra primeiro.

Não pedia mais perdão. Pedia desculpas, sim, pelo tempo que perdi me destruindo. Pela dor que causei. Pelas escolhas que fiz. Mas também agradecia. Agradecia por ter aprendido, finalmente, que viver é a melhor homenagem que a gente pode fazer a quem amou.

Um dia, no abrigo, recebi uma carta. Minha tia dona Lurdes tinha morrido, e os advogados me informaram que ela tinha deixado uma pequena quantia para mim. Não era muito, mas era o suficiente para comprar um pedaço de terra.

Comprei. Um pequeno sítio nos arredores da cidade, com uma casa simples e um terreno fértil.

A primeira coisa que plantei foi uma mangueira. A segunda, um pé de jaca. A terceira, um canteiro de hortaliças igual ao da minha avó.

Toda manhã, acordo com o som dos galos. Passo café no pano de algodão, igualzinho a ela. Sento na varanda, igualzinho a ele, e olho para o horizonte.

As mãos que foram usadas para o crime, hoje constroem. As mãos que sentiram o peso das algemas, hoje sentem o peso da terra. As mãos que escreveram cartas de despedida, hoje escrevem cartas de esperança.

A vida é igual a uma estrada, eu aprendi. Tem curva, tem buraco, tem subida. E se você não parar de andar, uma hora chega onde quer.

Eu parei de andar por muito tempo. Mas agora, finalmente, estou caminhando de novo.

E dessa vez, não estou sozinho. Levo comigo a memória dos que amei, o perdão que conquistei, e a certeza de que a escuridão, por mais profunda que seja, nunca é o fim.

EPÍLOGO

A Escuridão Apenas Mostra a Luz

Perguntam-me às vezes, em palestras que dou para outros egressos, se eu realmente me perdoei. Se a culpa foi embora. Se a dor passou.

A resposta é honesta: não sei.

Tem dias em que acordo e sinto o peso. O gosto de cinzas na boca. A lembrança do fogo. O eco dos olhos azuis que se apagaram. A culpa, que sempre esteve ali, não desapareceu completamente. Ela se transformou.

Antes, era um monstro que me devorava. Agora, é uma sombra que me acompanha. Um lembrete de onde eu estive, do que eu fiz, de quem eu fui.

E talvez seja bom que ela esteja lá. Porque me lembra que o perdão próprio não apaga as cicatrizes. Elas estão aqui, na minha pele, na minha memória, nos meus ossos. Não apaga a responsabilidade, que também está aqui. Tudo o que fiz, tudo o que fui, faz parte de mim.

Mas aprendi também que o perdão próprio é a única chave capaz de abrir as grades da mente. É o único caminho para sair da cela escura que a gente constrói quando se recusa a olhar para a luz.

Hoje, quando planto, penso no ciclo da vida. Na terra que foi cinzas. Na cinza que virou nutriente. No nutriente que virou semente. Na semente que virou planta. Na planta que virou fruto. No fruto que alimenta outro corpo, outra vida, outra história.

A vida é um ciclo. E a escuridão, por mais profunda que seja, não é o fim. É só o começo de uma nova forma de enxergar a luz.

Um ano depois

Foi numa tarde de sábado que eu vi o rapaz.

Ele estava sentado na calçada em frente ao abrigo, com a cabeça baixa, os ombros curvados. Tinha cara de vinte e poucos anos, mas os olhos pareciam de cinquenta. Olhos que tinham visto coisas que não deviam ver.

— Você tá bem? — perguntei, sentando ao lado dele.

Ele me olhou com desconfiança.

— Saiu hoje — disse, a voz rouca. — Primeiro dia.

Sabia. Sabia exatamente o que ele estava sentindo. O medo. A confusão. A sensação de que o mundo lá fora era grande demais, rápido demais, hostil demais.

— Eu também saí um dia — disse. — Foi difícil. Mas melhora.

Ele não respondeu. Ficou olhando para o chão, os dedos apertando a barra da calça.

— Sabe o que me salvou? — continuei. — A terra. Plantar. Ver uma semente virar planta. Me lembrou que a vida sempre encontra um jeito.

Ele levantou os olhos. Havia algo ali. Não esperança — era cedo demais para esperança. Mas curiosidade. Interesse.

— Quer aprender? — perguntei. — Tenho um sítio pequeno, mas dá para ensinar.

Ele demorou para responder. Tanto tempo que achei que ia recusar.

— Não sei plantar nada — disse finalmente.

— Também não sabia. Aprendi.

Levantei, estendi a mão. Ele hesitou. Depois, pegou.

— Meu nome é Zé — disse.

— Carlos — ele respondeu.

Naquele dia, comecei a ensinar Carlos a plantar. Primeiro, como preparar a terra. Depois, como escolher as sementes. Como regar, como cuidar, como ter paciência.

Vi nos olhos dele o mesmo que um dia vi nos meus. A culpa. A dúvida. O medo de nunca ser bom o suficiente.

Mas vi também outra coisa. Vi a semente de uma mudança.

— Carlos — disse, enquanto ele cavava a terra com uma enxada —, a vida é igual a essa terra. Tem que preparar, tem que cuidar, tem que ter paciência. Mas se você não desistir, uma hora ela dá fruto.

Ele olhou para mim, e pela primeira vez, um pequeno sorriso apareceu em seu rosto.

— O senhor aprendeu isso onde? — perguntou.

— Com meu avô — respondi. — Ele me ensinou. E agora estou ensinando você.

Naquele momento, entendi algo. Entendi que o ciclo não tinha se fechado. Ele estava apenas recomeçando. As lições do meu avô, as sementes que ele plantou em mim, estavam agora sendo plantadas em outro.

Eu não podia trazer meu avô de volta. Mas podia honrar sua memória. Podia passar adiante o que ele me ensinou. Podia mostrar a outros que a escuridão não é o fim.

Carlos plantou sua primeira muda naquele dia. Uma pequena alface, frágil e verde.

— Ela vai crescer? — perguntou.

— Vai — respondi. — Se você cuidar.

E enquanto a tarde caía sobre o sítio, e o sol se punha no horizonte pintando o céu de laranja e roxo, eu senti uma paz que não sentia há muito tempo.

A vida continuava. A estrada continuava. E eu estava caminhando.

Dessa vez, não estava sozinho.

O ciclo se completa. O que foi plantado na terra, floresce. O que foi plantado na alma, também.

